

RAUL LINO — NACIONALISMO E PEDAGOGIA

"Construir é educar" (1)

O reconhecimento do nome de Raul Lino, ainda que transcenda significativamente o âmbito dos especialistas em arquitectura e em cultura portuguesa contemporânea, aparece frequentemente limitado a uma redutora identificação deste arquitecto à polémica e ainda actual questão da chamada "casa portuguesa". Trata-se, habitualmente, de responsabilizar a sua obra — as suas casas e os seus escritos, pelo que de menos bom se produziu no contexto de uma arquitectura de intenção nacionalizante, muitas vezes deturpada pelos estereótipos postiços atribuídos a uma ingénua invenção deste autor. Ora, se estes fenómenos espúrios efectivamente tocaram, de forma bem visível, o panorama arquitectónico nacional deste século, a verdade é que, uma análise detalhada do pensamento de Raul Lino, demonstra que a questão da "casa portuguesa" e a interpretação da própria obra deste arquitecto, não se podem reduzir a tão pouco.

Sendo a arquitectura um dos fenómenos culturais em que, quer na sua teoria, quer na sua prática, se verifica a maior transversalidade de saberes e de valores, bem como uma efectiva síntese e articulação de todas as outras instâncias da cultura, caberá ao metadiscurso filosófico, ele próprio obedecendo a idênticos imperativos transdisciplinares, reflectir sobre a dimensão estética, antropológica e histórica do construir e do habitar. Ainda mais quando, como é o caso de Raul Lino, se verifica uma particular sensibilidade

(1) Lino, Raul — "Casas Portuguesas—Alguns apontamentos sobre o architectar das casas simples", Ed. Valentim de Carvalho, Lisboa, 1933, pg. 64.

teórica, que vai reflexivamente muito para além das exigências concretas dos seus projectos de arquitectura, em relação a uma vasta problemática filosófica e histórica. Partindo de uma preocupação ontológica, heideggeriana, com a morada humana, até chegar à questão particular do nacionalismo arquitectónico, postulando sempre uma estética de raízes éticas, acima de tudo fundamentadora de uma pedagogia, Raul Lino orienta toda a sua vida, a sua arte e o seu pensamento, para o ensino de um bom gosto arquitectónico, para a aprendizagem de um estilo português. "Um estilo é como as boas-maneiras, não se cria de um dia para o outro; não vai com receitas ou prescrições, tem de ser sazonado por uma disciplina, por um sentimento de decoro que se insinua na gente pela educação que recebe." (2).

Assim, talvez mais importante do que a discutível tentativa de descoberta ou recriação de um estilo nacional (3) — "a casa portuguesa", o maior contributo deste arquitecto para a cultura em Portugal, terá sido a sua incansável reflexão sobre os valores do habitar e a intenção eminentemente pedagógica do seu trabalho.

Com uma premência heideggeriana, Raul Lino reconhece na arquitectura o campo estético primeiro da realização existencial do homem. A casa, o espaço privilegiadamente humano, encara-a como centro do mundo, enquadramento cósmico essencial, lugar sagrado de ligação com o absoluto, espaço ontologicamente securizante para o homem que, de outro modo, viveria perdido no mundo. "Primitiva ou complicada, a existência do Homem não pode prescindir da cabana, gruta ou casa que lhe sirva de abrigo, garantindo-lhe, pelo menos, relativa tranquilidade e repouso reparador. (...) Muda e varia o ângulo de observação dos que tratam o assunto mas o objecto permanece sempre ligado de muito perto à vida material e espiritual dos habitantes da Terra." (4).

(2) Lino, Raul — "O Romantismo e a «Casa Portuguesa»", Ed. Centro de Estudos do Grémio Literário, Lisboa, 1974, (conferência publicada).

(3) Este problema revela-se pelo menos tão polémico como, por exemplo, a questão da existência de uma *Filosofia Portuguesa*, com uma identidade própria, que lhe possa conferir um estatuto que transcenda o de mera *Filosofia em Portugal*. Ambos os problemas se inserem numa preocupação com a identidade nacional manifesta, de uma maneira geral, em toda a cultura portuguesa.

(4) Lino, Raul — "Casas Portuguesas—Alguns apontamentos sobre o arquitectar das casas simples", Ed. Valentim de Carvalho, Lisboa, 1933, pg. 17.

A sua concepção quase mística da maternalidade protectora da casa, do seu sentido acolhedor, hospitaleiro e, acima de tudo, protector da intimidade do eu e da sua liberdade existencial, leva-o a perceber a importância afectiva, sentimental e poética do habitar humano. E, neste contexto, Raul Lino integra-se bem no espírito do grande pensamento português, predominantemente poético, ainda quando filósofo ⁽⁵⁾.

O seu lirismo, psicológica e historicamente romântico, não o faz mergulhar num sonho estetizante e formalista. Pelo contrário, e é aí que se podem encontrar evidentes sinais de modernidade arquitectónica nas propostas que faz, a sua preocupação é sempre a de organizar o espaço de acordo com uma dupla funcionalidade: a funcionalidade prática, racional, física, eficaz na adequação à natureza e ao sujeito concreto da habitação e a funcionalidade simbólica, de carácter cultural e histórico, na adequação ao espírito português.

Esta articulação entre natureza e cultura, de que resultaria idealmente uma certa intemporalidade estrutural da arte, da arquitectura e, portanto, de uma arquitectura portuguesa em concreto, fundamenta-a Raul Lino no pressuposto de que a arte e o dever ser da beleza se perseguem na adequação da sensibilidade às leis naturais. A continuidade cultural e a coerência da arquitectura com um contexto formal historicamente determinado, não seriam mais do que um acordo essencial com a própria natureza, ela própria origem natural da arte. "A essência da Arte não será uma consequência de caprichos e de modismos passageiros, mas sim um produto das causas mais fundas ligadas à nossa maneira de ser natural intrínseca (...). As produções artísticas de maior durabilidade são baseadas em leis naturais, que os artistas quase sempre talvez por felicidade ignoram." ⁽⁶⁾. O estilo nasceria da terra e do povo espontaneamente. O sentimento artístico seria, acima de tudo, uma forma superior de sensibilidade às leis da natureza e daí a superioridade estética e também moral do artista. Daqui provêm, talvez, algumas características menos aceitáveis das pro-

⁽⁵⁾ Tenha-se em conta o pensamento filosófico-poético dos que foram grandes nomes da cultura portuguesa, de Camões a Antero e Pessoa.

⁽⁶⁾ Lino, Raul — in "Diário de Notícias", 8-6-1965.

postas do arquitecto: o seu excessivo individualismo paternalista e um certo idealismo perante a efectiva realidade nacional.

No entanto, apesar do subjectivismo e sentimentalismo que constantemente o levam a fazer apêlo à sua própria experiência vivencial e, lamentavelmente, a fazer tábua rasa do que de melhor o pensamento arquitectónico moderno vinha a sugerir, Raul Lino, intuitivamente, compreende a crise de valores que o rodeia e propõe-se denunciar a decadência axiológica do mundo seu contemporâneo, sobretudo no que diz respeito aos atropelos que vinham sendo feitos aos modelos culturais portugueses, que se propõe caracterizar e ensinar.

O seu desencanto poético em relação à vida real é responsável, talvez, pelo desinteresse que revela em face do social e do político, com a consequente ambiguidade de que se revestiram as suas relações com o poder instituído — O Estado Novo aproveitou e desvirtuou muitas das suas ideias. Em Raul Lino, a supremacia psicológica do sentimento sobre a razão, leva-o, frequentemente, a uma perspectiva de denegação quanto a fenómenos socialmente incómodos ou científica e artisticamente inovadores. Escreve num constante registo romântico-ruralista, radicando o seu nacionalismo num simples respeito histórico que mais não traduziria do que a própria integração orgânica e natural das casas com que pretende moralizar a paisagem e o espírito portugueses.

De uma maneira geral, podem talvez considerar-se como as constantes maiores do pensamento deste arquitecto, a sua intenção pedagógica, associada a um enraizado sentimento nacionalista. Os seus pressupostos teóricos, em geral e os seus propósitos arquitectónicos e educativos consequentes poderão, em parte, explicar-se no diálogo com o seu percurso vivido.

Português, estrangeirado na sua formação teórica, comprometido por toda a vida numa luta sem tréguas pela educação do gosto, pela educação das pessoas e das casas do seu país, Raul Lino percorre o imaginário nacional em busca dos paradigmas de uma identidade arquitectónica a preservar e transmitir aos futuros criadores e ao povo em geral.

A sua longa vida (1879/1974), atravessa os momentos mais significativos do século XX em Portugal. A diferença e descontinuidade que esta média duração introduz na sociedade nacional, a nível económico, político, tecnológico e até cultural e artístico, não parecem afectar os desígnios bem definidos de Raul Lino.

a sua preocupação com a educação do portuguesismo architectónico, indiferente que se manteve sempre aos diversos ritmos históricos e formais que o envolveram.

De formação escolar anglo-germânica, influenciado pelos princípios de democratização do gosto e de renovação da arquitectura doméstica do movimento *Arts and Crafts*, ligado aos nomes de John Ruskin e William Morris, é sobretudo ao seu mestre mais directo, o alemão Albrecht Haupt, especialista em Renascimento Português, que deve o seu definitivo pendor nacionalista e o seu historicismo romantizado. Se é na Alemanha que desenvolve a sua faceta romântica, ligada a uma forte sensibilidade musical que nunca deixará de cultivar, será no pensamento transcendentalista americano de Emerson e Thoreau que vai radicar o seu amor à natureza que o leva a comprometer-se com uma estética universalista de fundamentos panteístas. Esta teria culminado em Raul Lino numa espécie de misticismo naturalista, ainda que não incompatível com as suas raízes cristãs nacionais. A concepção orgânica que tem da arte, na sua analogia com as formas naturais, aparece no pensamento do arquitecto perfeitamente compatibilizada com a suprema valorização das formas da cultura tradicional, num historicismo algo ruralista e, por vezes, ingénuo.

Os seus três primeiros livros, "A nossa casa" (1918), "A Casa Portuguesa" (1929) e "Casas Portuguesas" (1933), representam, talvez, os momentos em que mais longa e explicitamente teorizou sobre os modelos architectónicos, mas ao mesmo tempo, sobre os modelos de vida nacionais. Partindo de uma análise da história da arquitectura em Portugal, considerando talvez mais a sua faceta erudita, em detrimento das suas manifestações populares, Raul Lino isola estruturas, escalas, volumetrias e elementos architectónicos característicos e promove-os a paradigmas ideais a adaptar às novas exigências do habitar. Descreve poeticamente a casa portuguesa, numa generalização algo apressada, mas cheia de encantamento: "... abriga-nos sob a asa do seu alpendre coberto, acolhe-nos sob os seus tectos de curva suave. Respira, de um extremo ao outro do país um ar amante de doçura que, na modesta habitação campestre, (...) e, na casa mais rica da cidade, toma uma expressão de bonomia sem abandono e de nobreza sem arrogância." (7).

(7) Lino, Raul — "L'évolution de l'architecture domestique au Portugal", Ed. Institut Français au Portugal, Lisboa, 1937, pg. 22, (citação traduzida).

Mas, para além dos tradicionais alpendres, beirais, azulejos, cantarias e caiações, o que o arquitecto pretende fazer ver e fazer aprender, são os valores da hospitalidade, privacidade, intimidade, modéstia, decoro, simplicidade. Isto sim, constitui o cerne da sua preocupação de educador, não só das casas, mas também dos homens que as constroem e as habitam.

A sua preocupação em projectar casas decentes e honestas, não se reduz a um esteticismo formalista, antes engloba uma preocupação com o homem total. Da ideal conciliação entre a história e a natureza, resultaria um equilíbrio eticamente valioso para a realização humana.

Raul Lino não quis construir "à antiga portuguesa", bem pelo contrário, o que tentou foi projectar casas portuguesas modernas.

Talvez aqui, o seu sentimentalismo romântico exacerbado o tenha impedido de ver as reais exigências, quer da sociedade, quer da estética modernas. Isola-se e remete-se a um desencanto poético em relação à vida real e aos imperativos da industrialização, do progresso científico e da modernidade artística. Identifica os males da massificação crescente do homem e da sua consequente desumanização e decadência ética, com os princípios do modernismo que, na arquitectura, só considera ser estilo próprio para lugares de passagem, gares, hotéis, ou fábricas e nunca digno enquadramento do habitar permanente do ser humano, em especial do homem português. Assim, sobretudo a partir dos seus cinquenta anos, dedica-se, mais do que a propor novos modelos continuadores da tradição, a lutar com toda a energia do seu pensamento, contra o movimento moderno. "Hoje não há evolução, há sobretudo um atropelamento de ideias e uma barafunda de produções (...) o artista, destituído de fé, levado pela tendência geral de neutralização da personalidade, acaba por desprezar a vida, fonte criadora, e embarca-se passivamente a caminho do nada, da vacuidade abstracta."

"Deixa assim a arquitectura de corresponder a uma força espiritual e já não poderá ter o significado que é próprio daquela Arte como expressão dos sentimentos da grei, quer no campo da filosofia, ou de uma religião, quer — na generalidade — como sintoma de uma ética nacional." (8).

(8) Lino Raul — in "Diário de Notícias", 23-10-1966 e "Auriverde Jornada — Recordações de uma viagem ao Brasil", Ed. Valentim de Carvalho, Lisboa, 1973, pg. 156, (respectivamente).

Este combate contra o modernismo, movimento que, de resto, a partir dos anos trinta se encontrava já numa fase decadente em Portugal devido à influência política do Estado Novo, vai ocupá-lo para o resto da vida. Reconhecido pelo poder ⁽⁹⁾, Raul Lino dedica-se cada vez menos à construção de casas e cada vez mais à escrita — dispersa em livros, ensaios, conferências e centenas de artigos de jornais, a uma verdadeira campanha contra o modernismo. Desta actividade que pretende sempre moralizadora e educativa não resulta senão um progressivo afastamento, quer da realidade evolutiva da arquitectura do seu país, quer do contacto e do respeito dos seus colegas de profissão, sobretudo dos mais novos, inconformistas com o espírito do Estado Novo, também eles empenhados em construir casas portuguesas em Portugal.

Se parece haver uma certa unanimidade entre os críticos da especialidade em reconhecer nas primeiras propostas de Raul Lino uma evidente qualidade architectónica, a verdade é que, com o correr do tempo, a sua linguagem se empobreceu e os seus edificios e projectos foram perdendo a capacidade inovadora inicial.

Como exemplo, considere-se a "Casa do Cipreste" (1912) em Sintra que, com a idade de 33 anos, construiu para morada própria, e que continua a ser considerada como um dos seus projectos mais felizes, em que melhor conseguiu concretizar os seus ideais de habitação poética, a partir de raízes tradicionais portuguesas e de uma integração orgânica no terreno e no "espírito do lugar". Mais tarde, irá projectar a casa de António Sérgio (1925), em Lisboa, já dentro das exigências e limitações que a zona urbana e talvez o espírito do seu cliente lhe permitiram, com uma linguagem em que se vai perdendo a frescura e o carácter lúdico iniciais.

De todo o modo, a sua intenção moralizadora do gosto mantém-se, quer nos seus projectos, quer nos seus textos, estes cada vez mais prolixos e até repetitivos, na sua insistente pedagogia nacionalista.

O nacionalismo architectónico de Raul Lino tem raízes muito anteriores ao seu regresso a Portugal e causas muito mais alargadas do que a sua particular sensibilidade romântica. A questão

(9) Raul Lino é Director dos Monumentos Nacionais desde 1949.

da "casa portuguesa", na multiplicidade das suas componentes histórica, etnográfica, antropológica, arquitectónica, estilística e pedagógica, tem uma origem oitocentista relativamente precoce, que o próprio arquitecto reconhece: "Parece-me que a tentativa para o aportuguesamento da nossa casa é de origem literária; nasceu das obras dos grandes escritores — Eça e Ramalho em primeiro lugar, que começavam a pôr em relevo as coisas mais admiráveis da nossa índole, da nossa vida, da nossa paisagem e de aí o interesse que foi adquirindo o nosso habitat mais castiço, burguês e rural. Ao mesmo tempo que este panorama se erguia aos olhos dos leitores, tomava vulto nos homens de letras uma reacção contra os abusos do estrangeirismo, suscitando-se um apreço do vernáculo em todos os campos." (10).

Este combate ao estrangeirismo em que se empenhara a Geração de 70, ganhava agora, em finais do século, uma dimensão monopolizadora de toda a cultura portuguesa, dentro do movimento neo-romântico que sucedeu ao *Ultimatum Inglês*. Raul Lino encontrou-se com este espírito de desagravo e afirmação nacional, juntamente com Afonso Lopes Vieira, Gomes Leal, Fialho de Almeida e todo um grupo de intelectuais, ligados à literatura, à história e à etnografia.

É justamente a partir de pesquisas etnográficas feitas por Henrique das Neves e Joaquim de Vasconcelos, de resto pouco concludentes quanto à pretensa delimitação de um tipo característico de casa portuguesa, que se fazem, ainda antes das intervenções de Raul Lino, as primeiras tentativas de "aportuguesamento" da habitação nacional, contra a invasão estrangeirada de *cottages*, *chateaux* e *chalets*, então em moda em Portugal. Saliente-se a tentativa frustrada do portuense Ricardo Severo, ao construir a sua própria casa no Porto (1904), através de uma colagem formal de elementos provenientes de diferentes épocas e diversas regiões do país.

Raul Lino integra-se neste ciclo cultural patriótico e prossegue, por conta própria, a campanha da "casa portuguesa", cujos frutos foram tardiamente alimentar a vertente mais folclórico-ruralista do gosto do Estado Novo, dando origem depois a uma espécie

(10) Lino, Raul — "O Romantismo e a «Casa Portuguesa»", Ed. Centro de Estudos do Grémio Literário, Lisboa, 1974, (conferência publicada).

de estilo nacional, jocosamente apelidado de "português suave", mistura de componentes modernas e tradicionais, normalmente realizado na escala monumentalista exigida pela afirmação do regime político autoritário.

Mas Raul Lino, que sempre se reivindicou apolítico, continua o seu trabalho pedagógico de criar e ensinar a criar "casas bem educadas". Contra os revivalismos estrangeirados e avesso a quaisquer inovações introduzidas pelo movimento moderno de cariz internacionalista, o que o arquitecto procura, através dos seus projectos e da sua teorização da arte de construir, é, em última instância, encontrar uma espécie de identidade metafísica nacional, ao mesmo tempo singular e universal. Esta paradoxal universalidade a recriar num estilo nacional, resultaria da própria génese natural de qualquer estilo, tanto mais belo, quanto mais autenticamente definido, isto é, quanto mais adequado à natureza e ao povo, à terra e ao homem que a habita: "Actualmente em Arquitectura só há verdadeiramente dois estilos bem extremados — o que procura a continuidade, ou tradicional, e o que cultiva a descontinuidade e se diz modernista. (...) O tradicional que também pode e devia ser sempre moderno, é o que se ajusta espontânea e instintivamente a certas noções, menos raciocinadas que sentimentais, fundadas ou inspiradas na Natureza e que estão na base de toda a actividade artística." (11).

Do que Raul Lino desconfia, é da maturidade cultural dos portugueses seus contemporâneos e vai procurar na história e na tradição a nobreza e o decoro, as boas maneiras de uma arquitectura adequada a um viver nacional.

Tenta estabelecer uma normatividade objectiva para o architectar de casas portuguesas modernas. Considera necessária a concretização de "qualidades materiais", com a base económica do terreno e da planta, para sobre estas virem a surgir as "qualidades espirituais", suprema realização da arquitectura. Assim, construindo sempre de dentro para fora e eliminando qualquer elemento inútil, postigo ou de imitação, propõe, de entre as primeiras, as seguintes prioridades: solidez, isolamento, arejamento, iluminação, comodidade, em suma, tudo o que a inteligência deter-

(11) Lino, Raul — "Diário de Notícias", 12-1-1953.

mine no sentido de uma funcionalidade prática. Mas qualquer destes requisitos só aparentemente pode reduzir-se a objecto de uma leitura pragmática, denotativa, já que em cada um deles se conotam valores, funções simbólicas essenciais ao habitar.

Quanto às "qualidades espirituais": naturalidade, verdade, harmonia, amor, conforto, seriam a condição superior que a imaginação recriaria no espaço habitado, todas elas factor indispensável da paz, segurança e felicidade da morada humana.

A boa educação, o bom gosto e o carácter de uma casa, resultariam assim, de uma maneira geral, da articulação entre a volumetria e a proporção — "alma da arquitectura", com a decoração, componente indispensável, ainda que não prioritária, no construir.

Segundo Raul Lino, a fonte onde deveriam colher-se os ensinamentos para a recriação destes valores só poderia ser a arquitectura tradicional, já que "... obedecia sempre a uma lei fundamental: a de ser concebida à nossa imagem e semelhança. (...) O que nós mais prezamos é o que reflecte qualquer coisa das nossas mentalidades existenciais, da nossa organização biológica hierárquica, da nossa estrutura baseada na proporção, da nossa maneira de sentir — independentemente de qualquer racionalismo." (12). É, portanto, no culto de uma memória colectiva a preservar e a recriar, dentro de uma mais sentimental do que racional opção pelos valores da nacionalidade a caracterizar e transmitir, que se enquadra a sua proposta pedagógica.

Trata-se de educar um certo mau gosto do povo português, a quem o arquitecto reconhece mais qualidades literárias do que plásticas e visuais. Daí a necessidade de o ensinar no que diz respeito aos princípios, mas até de lhe impor regras e limites muito concretos: "Se eu fosse pregador, aconselharia calma, moderação, refreamento na fantasia com que hoje se propõe construir casas; se eu fosse ditador, iria mais longe: — estabeleceria certos tipos, extremamente simples, de janelas, de portas, pilares, etc., e tornaria esses padrões obrigatórios por uma lei especial de emergência..." (13).

(12) Lino, Raul — "Arquitectura, Paisagem e a Vida", in "Boletim da Sociedade Portuguesa de Geografia", Jan./Março, 1957, pg. 21.

(13) Lino, Raul — "Ainda as Casas Portuguesas", in "Panorama", n.º 4, ano I, 1941, pg. 45.

Um balanço geral da obra de Raul Lino, feito numa perspectiva actual, menos comprometida do que a dos seus primeiros críticos (14), poderá levar a concluir que a sua "filosofia" do habitar encerrava princípios e valores indubitavelmente positivos, potencialmente operativos na sua dimensão pedagógica. É claro que a mítica "casa portuguesa" nunca existiu, a não ser no encantado sonho patriótico do próprio Raul Lino, dos nacionalistas de oitocentos e dos arquitectos que o seguiram, infelizmente numa linguagem de reduzida qualidade. O próprio Raul Lino, no ano da sua morte afirmou que: "A casa portuguesa de hoje ainda está por criar" (15). No entanto, apesar do seu conservadorismo, por vezes demasiado acrítico, da sua análise histórica, por vezes superficial e ferida de um sentimentalismo pouco científico, o seu pensamento revela aspectos de relevante importância presente.

Situado numa pre-modernidade estética avessa aos rigores geometrizarantes e à frieza racional do modernismo, que é sempre objecto de denegação, ou mesmo de críticas algo primárias, por parte do arquitecto, a sua obra, sempre imbuída dos ideais românticos a que a sua personalidade aderira sem reservas, levanta já problemas a que só volta a ser sensível um pensamento post-moderno desencantado de um passado próximo de construções desumanas, de desfiguração da paisagem e de sucessivas aculturações agressivas da cultura nacional.

Raul Lino foi precocemente tocado por preocupações ecológicas, pela consciência aguda da necessidade de preservação de um património histórico em desagregação, pela necessidade de aproximação da arquitectura erudita ao senso comum, ao gosto do povo que era preciso educar. Neste sentido, poderá dizer-se que combateu a modernidade e o progresso, se estes forem encarados, como obediência estrita a imperativos científico-tecnológicos

(14) Quando em 1970, foi organizada, na Fundação Calouste Gulbenkian, uma grande mostra da obra do arquitecto — "Raul Lino — Exposição Retrospectiva da sua Obra", houve um movimento de repúdio por esta realização, que deu origem a um texto publicado no jornal "Diário de Lisboa", assinado por cerca de setenta arquitectos portugueses que criticam toda a acção de Raul Lino e, portanto, qualquer recuperação do seu trabalho em termos de actualidade.

(15) Lino, Raul — "O Romantismo e a «Casa Portuguesa»", Ed. Centro de Estudos do Grémio Literário, Lisboa, 1974, (conferência publicada).